



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/03/2024 e 14/03/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
08/03/2024	11,70	341,30	45,60	5,26	4,26
11/03/2024	11,65	337,10	46,05	5,37	4,28
12/03/2024	11,82	333,80	47,23	5,35	4,29
13/03/2024	11,81	331,00	47,99	5,32	4,26
14/03/2024	11,80	333,20	47,94	5,19	4,22
Média	11,76	335,28	46,96	5,30	4,26

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	109,00	
RS – Não Me Toque	109,00	
RS – Londrina	S/C	
PR – M.C.Rondon	105,00	
MT – C.N.Parecis	101,00	
MS – Maracaju	107,00	
GO - Rio Verde	105,00	
BA – L.E.Magalhães	107,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	56,00	CIF
Porto de Paranaguá	S/C	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	50,00	
SC – Rio do Sul	55,00	
PR – M.C.Rondon	46,00	
PR – Londrina	S/C	
MT – C.N.Parecis	38,00	
MS – Maracaju	47,00	
SP – Itapetininga	58,00	
SP – Campinas	64,00	CIF
GO – Rio Verde	53,00	
GO – Jataí	53,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	60,00	
RS – Não Me Toque	60,00	
PR – Londrina	S/C	
PR – M.C.Rondon	64,00	

Período: 13/03/2024

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 14/03/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	52,56	109,77	59,29

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
14/03/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	103,68
Feijão (saco 60 Kg)	372,70
Sorgo (saco 60 Kg)	ND
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,85
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,12**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,02

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Janeiro/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago se mantiveram firmes, mesmo com o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 08/03, não trazendo grandes novidades. Os contratos mais distantes voltaram a superar os US\$ 12,00/bushel, o que não era visto há alguns meses. Assim, o fechamento desta quinta-feira (14) ficou em US\$ 11,80/bushel, contra US\$ 11,57 uma semana antes. O mês de maio, que passou a ser o primeiro mês cotado a partir deste dia 15/03, fechou em US\$ 11,95, consolidando esta nova realidade do mercado da soja em Chicago.

O relatório do USDA manteve a produção e os estoques finais dos EUA, para 2023/24, nos mesmos níveis anunciados em fevereiro. Reduziu um pouco a produção e estoques mundiais, com a primeira ficando em 396,8 milhões de toneladas e o segundo em 114,3 milhões. Reduziu em um milhão de toneladas a produção brasileira da atual safra, com a mesma ficando em 155 milhões de toneladas (ainda superior ao que analistas privados e públicos vêm estimando). E manteve a produção da Argentina e do Paraguai respectivamente em 50 milhões e 10,3 milhões de toneladas (também um tanto otimista). A surpresa veio da revisão para cima nas importações de soja por parte da China. Agora, as mesmas estão estimadas em 105 milhões de toneladas, ganhando 3 milhões em relação ao estimado em fevereiro. Já o preço médio, a ser pago aos produtores de soja dos EUA, permaneceu em US\$ 12,65/bushel para o corrente ano comercial.

Na prática, o mercado está se antecipando aos dois mais importantes relatórios que virão em 28/03. É provável que, se a intenção de plantio confirmar um aumento na área a ser semeada com soja, e os estoques trimestrais (posição 1º de março) ficarem dentro do esperado, as cotações voltem a recuar em abril. Especialmente porque a colheita sul-americana estará no auge, estando ainda estimada ao redor de 222 milhões de toneladas pelo USDA. Mas atenção: esta produção tende a ser revista para baixo, podendo ficar ao redor das 200 milhões de toneladas devido as intempéries ocorridas sobre as regiões produtoras e que não estão sendo convenientemente consideradas.

Dito isso, na semana encerrada em 07/03 as exportações estadunidenses de soja somaram 706.334 toneladas, ficando próximas do limite inferior esperado pelo mercado. No total do ano comercial, até o momento, os EUA exportaram 35 milhões de toneladas, sendo este volume 19% menor do que o vendido no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, os preços estacionaram, porém, reverteram o viés, passando a indicar possíveis altas futuras diante da recuperação de Chicago e de prêmios melhores nos portos nacionais. A partir do segundo semestre já há indicativo de prêmios levemente positivos. E o câmbio brasileiro tem ficado próximo dos R\$ 5,00 por dólar nos últimos dias, deixando para trás, por enquanto, a pressão de valorização do Real que existia.

Ajudou muito, igualmente, a esta possível nova tendência o fato de que a Conab, em seu último relatório, indicar uma nova redução na safra brasileira de soja. A mesma, agora, está estimada em 146,8 milhões de toneladas. Quase três milhões a menos do que a estimativa anterior da entidade. Nota-se que há uma diferença de quase 10 milhões de toneladas, para menos, em relação ao que o relatório do USDA acaba de

informar. Além disso, se confirmado este volume, o mesmo será 5% menor do que o colhido no ano anterior, segundo a Conab.

Por sua vez, a colheita da soja no Brasil chegava a 55% da área no final da semana anterior. Já no Mato Grosso a mesma atingia a 90,4%. (cf. AgRural e Imea)

Em tal contexto, as vendas de soja, relativas a safra atual, atingiram a 36,6% do total esperado, nesta última semana no país, contra 35,4% realizadas no mesmo período do ano passado e 50,1% na média histórica. (cf. Safras & Mercado)

Neste momento, embora ainda seja cedo para estimar tal tendência, alguns analistas brasileiros começam a avançar a ideia de que os preços da soja podem se recuperar um pouco entre março e novembro. Os motivos seriam os já indicados, porém, não se pode esquecer o peso da futura safra dos EUA sobre as cotações em Chicago e o comportamento climático naquele país. Lembrando que o plantio por lá inicia em maio próximo.

Pelo sim ou pelo não, segundo a Cogo Inteligência em Agronegócio, o novo fôlego nos preços internos da soja pode levar o saco do produto para valores entre R\$ 125,00 e R\$ 135,00 mais adiante, particularmente no segundo semestre. O fato é que o mercado tende a entrar em um período de bastante volatilidade nos próximos meses.

Enfim, a exportação brasileira de soja, para março, está estimada em 13,7 milhões de toneladas neste momento, segundo a Anec. Este volume, se confirmado, seria 726.900 toneladas mais baixo do que o registrado em março de 2023.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, registraram uma tímida redução nesta semana. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (14) em US\$ 4,22, contra US\$ 4,26 na semana anterior. Contrariamente à soja, o relatório do USDA para o milho pouco mexeu com o mercado.

Este relatório indicou a manutenção da produção e dos estoques finais dos EUA nos mesmos níveis apontados em fevereiro. Todavia, reduziu em pouco mais de dois milhões de toneladas os estoques mundiais do cereal, com os mesmos ficando, agora, em 119,6 milhões de toneladas, apesar da manutenção da produção global em 1,23 bilhão de toneladas. A produção brasileira ficaria em 124 milhões de toneladas (bem acima do esperado pelos analistas brasileiros) e a da Argentina em 56 milhões. Com isso, o preço médio aos produtores estadunidenses ficaria em US\$ 4,75/bushel no atual ano comercial.

Enquanto isso, os embarques de milho pelos EUA atingiram a 1,12 milhão de toneladas na semana encerrada em 07/03, ficando perto do limite superior esperado pelo mercado. No total do ano comercial, os EUA já embarcaram 21,8 milhões de toneladas, ou seja, 33% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

E na Argentina, as exportações do cereal atingiram os seus mais altos níveis em cinco anos neste início de 2024, atingindo a 1,9 milhão de toneladas. A Bolsa de Rosário

prevê uma produção final, na atual safra, ainda maior do que o USDA, com a mesma podendo alcançar 57 milhões de toneladas. Lembrando que a Argentina é o terceiro maior exportado mundial de milho. Por outro lado, em 1º de março o país vizinho tinha em estoque 9,6 milhões de toneladas de milho, ou seja, 10% acima da média dos últimos cinco anos.

E aqui no Brasil, os preços do milho se mantiveram estáveis. A média gaúcha ficou em R\$ 52,56/saco, enquanto as principais praças permaneceram em R\$ 50,00. Já no restante do país, os preços oscilaram entre R\$ 38,00 e R\$ 58,00/saco, sendo que em algumas regiões o viés é de alta nos preços devido à quebra na safra de verão. A própria B3 refletiu esse movimento mais altista do encerrar suas atividades no dia 13/03 com preços girando entre R\$ 63,65 (contrato maio) e R\$ 63,79/saco (contrato setembro).

Ao mesmo tempo, a Conab também reduziu sua estimativa para a safra final de milho no país. Agora, o volume está estimado em 112,7 milhões de toneladas. Como se nota, bem abaixo do que vem indicando o USDA e mesmo alguns analistas privados.

Em paralelo, a safrinha brasileira de milho estaria semeada em 93% da área esperada, contra 82% no mesmo período do ano anterior, enquanto no Mato Grosso a mesma atingiu a 97,8% da área. Já a colheita do milho de verão chegava a 57% da área do Centro-Sul brasileiro. (cf. AgRural e Imea)

Enfim, o Brasil embarcou 173.714 toneladas de milho até a segunda semana de março, lembrando que o total exportado em março do ano passado chegou a 1,34 milhão de toneladas. Por enquanto, a média diária de vendas externas atingia a um recuo de 50,1% em relação aos 23 dias úteis de março de 2023. (cf. Secex)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, igualmente subiram um pouco nesta semana, com o bushel do cereal fechando o dia 14/03 em US\$ 5,32 (considerando maio como primeiro mês cotado), contra US\$ 5,20 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 08/03, pouco trouxe de novidades. A produção dos EUA ficou mantida nos mesmos níveis de fevereiro, ou seja, em 49,3 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais do país foram levemente elevados para 18,3 milhões de toneladas. Enquanto isso, a produção mundial ganhou um milhão de toneladas sobre fevereiro, ficando em 786,7 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais recuaram para 258,8 milhões de toneladas, perdendo ao redor de 600.000 toneladas. A produção passada da Argentina é estimada em 15,9 milhões e a do Brasil em 8,1 milhões de toneladas. Neste contexto, o preço médio estimado ao produtor estadunidense de trigo sofreu leve redução, para US\$ 7,15/bushel em 2023/24.

Dito isso, os EUA embarcaram 402.874 toneladas de trigo na semana encerrada em 07/03, ficando dentro das expectativas do mercado. No atual do ano comercial, até o momento, as exportações somam 13,4 milhões de toneladas, ou seja, 16% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, na Rússia, os preços de exportação do cereal recuaram na semana anterior. O produto com 12,5% de proteína, para entrega em abril, foi cotado a US\$ 198,00/tonelada FOB, com um recuo de cinco dólares em relação a semana que a antecedeu. O mercado está travado e sem expansão segundo analistas russos. A primeira estimativa para as exportações de trigo, em março, é de 4,6 a 5,0 milhões de toneladas, em comparação com 4,8 milhões de toneladas no ano anterior. (cf. Sovecon)

Já na Índia, os estoques de trigo oficiais recuaram para 9,7 milhões de toneladas, se constituindo no menor volume desde 2017. Após dois anos consecutivos de perdas, o governo indiano, ao invés de importar o cereal, decidiu consumir os estoques existentes, além de ter distribuído o produto gratuitamente em 2020 durante o lockdown provocado pela pandemia da Covid-19. Com isso os estoques despencaram, levando o governo a proibir as exportações em diversas oportunidades a partir de 2022. Como isso parece ser insuficiente, não se descarta que a Índia volte a importar trigo nos próximos meses.

E aqui no Brasil, os preços do cereal se mantiveram estáveis, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 59,29/saco, enquanto as principais praças trabalharam com R\$ 60,00. Já no Paraná, os valores giraram ao redor de R\$ 64,00/saco.

O mercado nacional de trigo continua com baixa liquidez, apesar da pouca oferta de produto de qualidade superior. Contrariando o mercado, que está mais pessimista, a Conab mantém a expectativa de uma área nacional de trigo, a ser semeada em 2024, em 3,26 milhões de hectares e uma produtividade média de 2.937 quilos/hectare, ou seja, cerca de 49 sacos/hectare. Com isso, a produção final total está mantida em 9,6 milhões de toneladas. Para o Rio Grande do Sul, a área a ser semeada seria de 1,4 milhão de hectares, com uma produtividade média de 52 sacos/hectare. Assim, a produção total gaúcha poderia chegar a 4,4 milhões de toneladas no corrente ano.